ELAINE MILMANN
Clínica Interdisciplinar dos Transtornos de Desenvolvimento Centro Lydia Coriat
Porto Alegre, Brasil
elainemilmann@terra.com.br

A singularidade dos fenômenos de linguagem na leitura em sujeitos com estruturação psicótica

Esse trabalho que surge no diálogo entre a psicanálise, lingüística e educação. Os interrogantes são trazidos a partir de dois lugares: primeiro, da clínica psicopedagógica com crianças e adolescentes em estruturação psicótica, numa equipe interdisciplinar e, paralelamente, do ensino público, no acompanhamento dos alunos no contexto da escola pública. A partir desses dois lugares, buscou-se o enlaçamento da teoria psicanalítica e sua intersecção com a lingüística, como fonte epistemológica e metodológica para escutar a leitura e situar a singularidade desses leitores a partir do transbordamento pela subjetivação psicótica no texto.

Para Lacan, "a forma como se exprime a linguagem define por si só a subjetividade" (1953, p. 299). A lei do homem é a lei da linguagem, e a falha na inscrição da função significante do Nome-do-pai, vai deixar as marcas sobre o próprio funcionamento da linguagem. A psicose é um distúrbio de linguagem do sujeito em sua relação com o significante. No decorrer da teorização lacaniana, a psicose passa a ser vista como uma não nodulação a três, uma nodulação não borromeana dos três registros da experiência humana: Real, Imaginário e Simbólico– RSI.

A leitura é um ato em que o leitor, o autor, e o texto colocam-se em jogo na relação com o sentido. Neste ato pode explicitar-se fenômenos de linguagem característicos da estruturação psicótica e também a incidência da letra nos registros, RSI, possibilitando assim situar a singularidade da posição do sujeito no campo do sentido.

A psicanálise sustenta que "não há um psíquico separado do social" (Julien, 2002, p.73) e isso é fundamental na clínica das psicoses. A partir do olhar clínico, podemos situar a singularidade do psicótico. Na escola, quando esta singularidade é levada em conta e as diferenças são significadas no campo social, pela aprendizagem e pela inserção no regramento da cultura, produz-se efeitos na subjetividade dos psicóticos.

Para situarmos a leitura na sua relação com a linguagem enquanto estrutura no caso situando a singularidade nas psicoses, buscamos algumas conceitualizações da psicanálise. Os conceitos na teoria lacaniana foram sofrendo transformações conforme a ênfase que o psicanalista foi dando aos três registros da existência humana. Na década de 30, o acento foi colocado no Imaginário, nos anos 50, a ênfase caiu sobre o Simbólico e por volta dos anos 70, a ênfase é colocada no Real.

Lacan, no início de seu trabalho, quando faz sua tese de doutorado, nos anos 30, situa a loucura colocando a ênfase sobre o registro Imaginário. Nos anos 50, a partir da concepção de linguagem tomada do modelo estrutural de Saussure e depois subvertida, destaca que a subjetividade está na dependência da relação com o significante, com primazia deste sobre o significado (Freire, 2001). O significado é efeito da articulação entre significantes, e a cadeia significante é a matriz simbólica. "Se o neurótico habita a linguagem, o psicótico é habitado por ela" (Lacan, 1955, p. 284).

Para Lacan, "a forma como se exprime a linguagem define por si só a subjetividade" (1953, p. 299). A lei do homem é a lei da linguagem, e a falha na inscrição da função significante do Nome-do-Pai, vai deixar as marcas sobre o próprio funcionamento da linguagem. Os determinantes lingüísticos da psicose relacionam-se a um tipo de falha na estruturação simbólica produzida pela falta da incidência da função paterna, necessária para proporcionar ao sujeito o acesso estruturado da linguagem. O significante Nome-do-Pai faz a nominação do sujeito, através do pai do nome, "constituindo o traço unário, a letra do gozo com a qual o sujeito se identificará, assumindo seu nome inconsciente, matriz subjetiva a determinar o itinerário do sujeito" (Freire, 2001, p. 33).

Esse significante primordial é o estruturador da subjetividade na qual está a origem lógica da linguagem. "Alguma coisa que foi rejeitada do interior reaparece no exterior... assim pode acontecer que alguma coisa de primordial quanto ao ser do sujeito não entre na simbolização e seja não recalcado, mas rejeitado" (Lacan, 1955, p.97).

A questão da estrutura da linguagem na psicose vai incidir em como a língua é usada. Analisando o caso clássico do presidente Schreber, apresentado por Freud em *Uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* em 1958, Lacan trabalha os fenômenos de linguagem na psicose, que testemunham a falta do ponto de basta no discurso psicótico. O ponto de basta, ou de capitonê, refere-se ao cruzamento do eixo sintagmático e paradigmático na rede, onde pelo deslizamento dos significantes, produzem-se os sentidos, sempre *a posteriori,* pelas operações de pontuação ou de escanção.

A cadeia significante dirige a trajetória da subjetividade, na qual os significantes operam em oposições como pura diferença, sendo preciso ao menos dois deles para produzir efeito de sentido. O significante lacaniano é uma seqüência acústica que pode assumir sentidos diferentes, conforme seu deslizamento no discurso, tomando o significante como qualquer corte feito na cadeia falada. Para Lacan o significante tem a função de representar o sujeito determinando-o.

Os fenômenos de linguagem na psicose são:

Fenômenos de código **-** neologismos como novas palavras compostas; trata-se de algo bastante próximo das mensagens que os lingüistas chamam de autônimas, na medida que é o próprio significante (e não o que ele significa) que é objeto da significação (Lacan, 1955, p. 544).

Também são considerados como fenômenos de código os vazios de significação e intuição (certeza no lugar de vazio de significação).

Fenômenos de mensagem - mensagens interrompidas pela quebra da cadeia significante; são distúrbios de conexão em que a frase é cortada justamente no ponto em que a significação poderia surgir, isso é, sobre o elemento da mensagem que amarra a relação dos termos envolvidos.

Em 1957, no texto de Lacan *A instância da letra no inconsciente, ou a razão desde Freud,* a letra é colocada como o conceito pelo qual é marcada a especificidade da cadeia significante. A instância da letra, sua insistência, como o suspenso do sentido na cadeia significante, designa a estrutura da linguagem na medida em que o sujeito nela está implicado; esta implicação é fundadora de toda a lógica que vai se estabelecer.

Conforme Freire (2001), no final da década de 60 Lacan interroga-se sobre a relação entre linguagem e escritura. A metáfora será pensada como a própria operação de criação da linguagem humana e simultânea ao surgimento dos traços da escritura, uma vez que, para passar de uma linguagem que seja tão somente do signo para o nível significante é preciso um recurso metafórico, na medida em que o significante, não significa nada, nadificando o signo. Para que o significante possa se articular numa cadeia é preciso do trabalho da letra; de ciframento do gozo. Neste período, para Lacan, os operadores da estruturação subjetiva são mais da ordem da letra do que do significante.

No seminário *A Identificação*, de 1961-1962, a letra é colocada com a função de suporte para o significante, é necessário que a relação do signo com a coisa seja apagada. No seminário XXIII, *De um discurso que não seria do semblante*, a definição de letra aparece como aquilo que borda, “entre o gozo e o saber a letra faria litoral” (Lacan, 1970, p.113). No Seminário XIX, *Ou Pire*, de 1972-1973, surge a noção de enodamento borromeano, como aquilo que estabelece as relações entre os três registros: RSI. Neste período a ênfase da teoria cai sobre o Real. É aqui que há o deslocamento da reflexão do significante para a letra, colocando os três registros em equivalência.

Os três registros são como aros e há um quarto elemento, o Nome-do-Pai, ou s*inthome*, que é responsável para que os aros permaneçam juntos. A não nodulação a três dos registros da existência humana é o novo conceito de psicose. O novo conceito de psicose implica em que o sujeito possa criar versões do pai: os nomes do pai. O pensamento e o sentido só se dizem pela articulação dos três registros. Eles são amarrados em diferentes pontos pela função significante Nome-do-pai, sendo que este enodamento constitui os pontos de estofo.

Pela psicanálise podemos verificar as relações entre linguagem e subjetividade e algumas delas podem ser analisadas na produção de sentido na leitura. Procuramos olhar isso pelo transbordamento da subjetivação psicótica no texto.

Acompanhando crianças e adolescentes na escola e na clínica, há tempo percebia que, para além da aquisição de um código, ou da aquisição conceitual da leitura, havia uma questão que falava da própria relação sujeito/linguagem implicada em seus atos de leitura. Escutando a leitura de sujeitos psicóticos surge a questão *há trasbordamento pela subjetivação no texto?* Esta questão se desdobra *o que atesta a leitura sobre a estrutura do sujeito e qual a singularidade da instância da letra na leitura destes sujeitos?*

A idéia de situar a posição na linguagem de sujeitos em estruturação psicótica a partir da leitura surge pelo fato da clínica revelar que, na relação leitor/autor/texto, emergem fenômenos relacionados à singularidade de sua subjetivação. Estes fenômenos explicitados pela estrutura psicótica podem passar despercebidos e serem confundidos. O cotidiano na escola mostra isso na confusão do diagnóstico da psicose com outros quadros: autismo, hiperatividade com déficit de atenção, problemas de conduta, deficiência mental e até altas habilidades.

Nas situações de leitura a singularidade da estruturação subjetiva da psicose na relação com o significante afeta a produção de sentido. Esta singularidade pode emergir pelo transbordamento pelo sujeito no texto, pois o leitor fala desde sua posição na linguagem, e isso afeta a sua forma de produção de sentido na leitura. “Metodologicamente, estamos, portanto, no direito de aceitar o testemunho do alienado em sua posição em relação à linguagem, e devemos tê-lo em conta na análise de conjunto das relações do sujeito com a linguagem” (Lacan, 1955, p.238).

A linguagem representa o sujeito a partir da posição da letra. A materialidade da letra pode se articular em diferentes modos no campo da linguagem que representa o sujeito. Esta pode entrar em diferentes estatutos, no sentido de funcionar em diferentes sistemas lógicos, de acordo com o registro em que ela seja tomada: RSI.

A especificidade da forma da nodulação dos três registros RSI pode explicitar-se pela predominância com que a letra insiste e incide em cada um deles nos atos de leitura. Pensando que a posição de um sujeito no discurso é a marca de sua singularidade em relação aos atos de leitura nas psicoses, surgem algumas hipóteses. A primeira é que a singularidade da posição do sujeito na linguagem pode revelar-se sob forma de fenômenos de linguagem que se explicitam através de alterações semânticas, sintáticas e pragmáticas na linguagem, explicitadas pelas falas produzidas a partir do texto lido.

A segunda hipótese é de que há possibilidade de situar a incidência da letra na subjetivação psicótica em relação aos registros RSI. O trasbordamento pela subjetividade do texto na leitura explicita-se na medida em que lemos as marcas que evidenciam a incidência da letra, predominando em um dos registros da cadeia borromeana. Assim haveriaM três categoria de leitura, conforme predomine a incidência da letra: a leitura no Real, a leitura no Imaginário e a leitura no Simbólico.

Escutar a leitura implica em situar a posição do sujeito na linguagem. Implica em que o texto principal seja aquele produzido pelo sujeito. Uma identificação correta de um significante como tal localizado, isto é, escrito, permite

reconstruir toda cadeia do texto. O psicótico presentifica a letra, como estrutura essencialmente localizada do significante, a letra em instância, na sua insistência.

Para a letra funcionar como linguagem, ela deve dar lugar ao significante em relação ao Outro. Tanto na leitura como na escrita a letra entra no registro do significante por esta via, ou seja, para ser leitura ou escrita tem que cumprir esta condição, entrar na via do Outro. A leitura e a escrita comportam a dimensão da letra, o que implica sua relação com o campo do sentido.

A letra pode estar do lado do Simbólico, fazendo barreira ao excesso de sentido, mantendo o Imaginário à distância. Pode estar incidindo no Imaginário, explicitando-se pela colagem num sentido unívoco, ou pela proliferação dele. A letra pode estar incidindo no Real, quando a leitura é tomada pela transcrição de grafemas em fonemas, ou pela leitura do nome das letras, impedindo o acesso ao sentido. A letra desenha um buraco, que é o buraco do não sentido, sustentando algo do Nome-do-Pai, sua incidência na leitura revela sua função de borda na relação com o sentido.

O psicanalista francês, Jean Bergés (1988) coloca que a letra presa a pura imagem pode afetar a busca de sentido na leitura. Relacionando com os três registros do nó borromeano, afirma que a sobreposição da imagem ao símbolo repele o acesso à letra, que para verificar o sentido é preciso ir além dela.

“A leitura não tem um conceito preciso e rigoroso, mas remete a um conjunto de práticas que podem delineá-la do ponto de vista sociológico e histórico” (Einandi,1987, p.184). A leitura é objeto e meio de aprendizagem, é um dos eixos para possibilitar a inserção do aluno na escolaridade e sua socialização. É uma das formas de educar o sujeito a compartilhar das formas de significação produzidas na cultura. A relação entre subjetividade e linguagem pode explicitar-se na relação sujeito/autor/texto. O leitor também expressa sua posição na linguagem, possível de ser escutada na leitura em voz alta ou, desde o enunciado sobre o que leu. “A leitura não ultrapassa a estrutura, está-lhe submetida, tem necessidade dela, respeita-a, mas perverte-a” (Einandi, 1987, p.198).

Existem formas de leituras que não são equivalentes, que implicam diferentes formas de relação do leitor com a escrita. Há diversas operações que podem situar o lugar do sujeito na leitura, “é evidente que o leitor não lê apenas com sua razão e com seu entendimento... o leitor empreende a leitura com seu corpo erógeno, corpo esse permeado pelo desejo” (Birman,1996, p.62).

Pode-se mapear atos de leitura que testemunham a mera decodificação do escrito. A leitura não opera somente na reprodução do oral, embora seja fonética. A relação grafema-fonema (uma letra por um som) pode ser utilizada em alguns momentos da leitura, e é verdade que, como suporte de microestrutura, pode servir para a leitura de palavras desconhecidas, re-situar nossas inferências de sentido, auxiliando nas correções, porém sempre no contexto da busca e articulação de significações. Quando o leitor detém-se somente na decodificação, sua leitura não flui. Preso excessivamente ao Real da letra, ou seja, na transcrição, perde-se o sentido do texto lido. A leitura presa ao registro do Real equivale à representação dos sons, ou mesmo, dos nomes das letras, ficando do lado da decodificação.

Embora haja na lógica da escrita alfabética uma ênfase na decodificação, ou na leitura como transcrição, a leitura é o acontecimento de um ato criativo. O universo, na cultura judaico-cristã, é concebido como um livro a ser lido. A letra, como traço quando entra no registro significante, permite ao sujeito ler produzindo sentidos próprios e recriando o universo do texto. A letra, tomada no Real, impede o acesso ao sentido.

Segundo Manguel (1997), a percepção torna-se leitura, como o ato de apreender letras relaciona-se não somente com a visão e a percepção, mas com a possibilidade de fazer inferências e julgamentos, com a memória, o reconhecimento, o conhecimento, a experiência e a prática. O que se vê ao olhar as palavras, organiza-se de acordo com um código ou sistema aprendido e compartilhado com outros leitores do meu tempo e lugar.

A leitura, assim, adquire um *status* de lugar do Outro, além de organizar-se a partir de um código vindo do contrato feito pela comunidade, que compartilha de significações estabelecidas, também foi escrito por um outro, o autor do texto. Mesmo quando o que se lê foi escrito pelo leitor, há um distanciamento que se cria pela escrita, fazendo com que mesmo aquilo que foi escrito pelo próprio leitor adquira um estatuto de alteridade.

“Ler não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível captura a luz, mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum” (Manguel,1997). O fato do corpo entrar em jogo na leitura, olhos, ouvidos, boca, voz, nariz, tato, num processo lingüístico, cognitivo, histórico e sócio-cultural, implica-a numa perspectiva também subjetiva. No desenvolvimento infantil a falha nas funções parentais evidencia efeitos da estruturação subjetiva no funcionamento das funções percepto-motoras que tradicionalmente são consideradas entre as causas das dificuldades de leitura.

Por vezes a ausência de referenciais das funções parentais gera desordens oculares da ordem do real do corpo e a organização espaço-temporal falha na medida em que algo da constituição da imagem corporal também não se armou. Na leitura, o corpo está engajado na voz, pela fonação e pelo olhar, nos deslocamentos e paradas oculares que seguem o ordenamento espaço-temporal no espaço gráfico. O corpo deve desprender-se do imaginário da letra para a que letra possibilite o acesso ao sentido.

Goodman, estudando os processos de leitura os define como “um jogo de adivinhações psicolingüísticas” (1990, p.11) onde o pensamento e a linguagem estão involucrados em contínuas transações. O autor historiciza o surgimento da psicolingüística como ponte interdisciplinar entre a psicologia cognitiva e a lingüística, cujo propósito era estudar as relações entre pensamento e linguagem. Ele considera a linguagem oral e a escrita como paralelas, mas diferentes. A língua escrita implicaria numa comunicação através do tempo e do espaço, e o processo de leitura seria único em todas as línguas, na busca de obter o significado. No texto, a concordância

entre o leitor e o escritor na forma de utilizar a linguagem são características que influenciam na leitura. A ortografia tem uma função fundamental neste processo. É ela que permite uma unidade na língua e o que possibilita chegar a compreensão de unidades semânticas. Os leitores utilizam estratégias de leitura como seleção, predição, inferências e correção, na busca de significado.

Ao ler o sujeito está diante da possibilidade de produzir uma rede de sentidos, ou seja, há uma construção de significações na relação entre o sujeito e o texto. O sujeito produz sentido para além das possíveis predições de sentido do Outro-autor, que o escreveu. A marca do Outro se faz representar pela sua escritura, através do signo manuscrito, que virá a ser decifrado singularmente por cada leitor, a partir de sua possibilidade de produção de sentido.

Quando, na leitura, há a predominância de uma significação particular do leitor, ou seja, o sentido atribuído é independente do que o autor ali quis dizer, podemos situar a leitura no registro Imaginário. A leitura, então, é arbitrária do que a letra diz. Há situações também em que há pregnância das imagens (ilustrações) sobre o texto lido. A leitura fica como uma descrição da imagem, afastando-se do sentido do texto. Bergés (1988) coloca que a letra presa à pura imagem pode afetar a busca de sentido na leitura, a sobreposição da imagem ao símbolo repele o acesso à letra e, para verificar o sentido, é preciso ir além dela.

Segundo Birman, a leitura é uma prática significante que se funda no campo do desejo, onde, ao se apropriar do texto, permeado pela polissemia, ao ler, o leitor forja novos sentidos (1996, p.64).

Como a própria linguagem, é polívoca, o texto é polissêmico. Quando o leitor leva em conta o Outro, "ler é estar ali-como diz Heidegger–, receber o novo significante" (Einandi, 1987, p.200). A leitura do lado do registro Simbólico ocorre na leitura colocada em relação com uma prática significante. A intersubjetividade do leitor/autor coloca-se no jogo da relação dos significantes de ambos para a produção de sentido a partir do texto, isso é, o Outro é levado em conta.

Jean Bergés (1988), abordando a questão da leitura, fala-nos sobre a sua relação com o *status* da letra que faz apelo ao olhar do leitor e ao corpo do escrevente. Tanto o corpo do escritor como o corpo da letra são os dois dados a ver. Segundo o autor, será no jogo entre o escópico, o auditivo e o motor, na relação com a escrita, representação do Outro, que o leitor poderá verificar os sentidos do texto.

O autor aborda o sentido na leitura relacionando-o aos registros do Simbólico, do Imaginário e do Real. A leitura em voz alta, por exemplo, como se pode observar nas aprendizagens, pode facilitar o acesso ao sentido ou opor-se a ele. A facilitação é exemplar na leitura de hieróglifos, pois o que eles têm de imaginário deve ser articulado para aceder ao sentido. Em outros casos, em certas crianças aprendizes de leitura, "essa articulação vai confundi-las: elas preferem muito mais ler mentalmente, o que lhes permite nada perder da voz" (Bergés, 1998, p.200). Para a operação da leitura é preciso deixar cair a letra para aceder ao sentido.

CONCLUSÃO

Foram realizadas gravações de leituras com dois rapazes com estruturação psicótica e realizou-se a análise do material com base nas suas produções lingüísticas. Verificamos que a leitura possibilita situar alguns pontos da relação do sujeito com o campo do sentido. Os fenômenos explicitados falam do transbordamento da subjetivação na leitura. Na relação com o texto, o sujeito fala desde sua possibilidade estrutural.

Também, podemos ver, no caso de Gustavo, que a incidência da letra deu-se predominantemente no registro Imaginário, não caracterizando assim o enodamento borromeano. Isso relaciona-se com sua estruturação subjetiva modalizada a partir da inscrição da função significante do Nome-do-Pai.

Em geral, nos atos de leitura de Gustavo, vemos que no processo metalingüístico, há o funcionamento diverso de termos que qualificam o estatuto do discurso. Podemos encontrar situações em que há falhas na metáfora, outras, em que há dominância e alterações das vias de contiguidade, ou seja nas construções sintáticas, a letra é tomada predominantemente pelo paradigma. Há pregnância da imagem, por exemplo, em forma de descritivismo. Há rupturas nas cadeias de sentido, há dificuldade de realizar a autonimização no discurso. O deslizamento na cadeia significante é alterado pela forma de barramento na relação significante/significado. A utilização da pontuação que regula as pautas de sentido é afetada, evidenciando que em vários momento em que Gustavo lê, não leva em conta o Outro.

Situar a singularidade da estruturação psicótica abordada pelo saber da psicanálise é um atravessamento necessário à clinica que se propõe a abordar a psicose. Na infância a escola é um lugar em que se pode sustentar os laços sociais necessários para estes sujeitos. Neste sentido, o diálogo entre a clínica e a educação é fundamental. Um sujeito fala desde um lugar no discurso e na psicose atestamos que não há transparência da linguagem. Se a educação tem uma função para a psicose na infância, também a psicose tem isso a transmitir aos educadores.

Aqui abordamos algumas situações de linguagem que buscam situar a singularidade do psicótico na linguagem pela leitura. Esperamos que isso contribua para os olhares sobre o trabalho com a psicose. No desdobramento deste texto deixamos em aberto a reflexão sobre a importância dos efeitos da leitura na constituição subjetiva. A experiência de qualquer leitor atesta o quanto podemos ser atravessados subjetivamente pela leitura.

Referências bibliográficas

Birman, J. (1996) *Por uma estilística da existência.* São Paulo, SP: Editora 34.

Bergés, J. (1988) Leitura e escritura literais. Doze escritos de Jean Bergés *Escritos da infância 2*. Porto Alegre, RS: Revista do Centro Lydia Coriat, 1997.

Einandi, Enciclopédia (1987) *Leitura.* Imprensa Nacional, Casa da moeda.

Freire M (2001). *A escritura psicótica*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud

Goodman K (1990) O processo de leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In *Os processos de leitura e escrita novas perspectivas.* Ferreiro E. e Palacio M. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Lacan, J. (1955-1956). O Seminário Livro III: A*s psicoses.* Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1985.

Lacan J. (1957-1958). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos.* Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

Lacan J. (1957-1958). De uma questão preliminar de todo tratamento possível da psicose. In *Escritos.* Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

Lacan J. (1961-1962). Seminário IX: A *identificação.* CD: Jacques Lacan, sem textos estabelecidos.

Lacan J. (1970). Seminário XVIII: De um discurso que não seria do semblante. CD: Jacques Lacan, sem textos estabelecidos.

Lacan J. (1972-1973). Seminário XIX. ...*Ou pire.* CD: Jacques Lacan, sem textos estabelecidos.

Manguel A. (1997). *Uma história da leitura.* São Paulo, SP: Companhia das letras.

Nancy J. e Labarthe P. (1991*) O título da letra*. São Pulo, SP: Escuta.